



## Sobre Orientações em Mestrado Profissional

Prof. Dr. Fabrício Andrade<sup>1</sup>

“Fala realizada em mesa no III Seminário FAEB e IV EnreFAEB Sudeste, em Maio de 2024”.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Arte e Tecnologia da Imagem pela Escola de Belas Artes da UFMG, Brasil (2011)  
Professor da Faculdade de Educação da UEMG, Brasil.

Boa tarde aos presentes. Início agradecendo a oportunidade de participar deste importante encontro. Agradeço a todos e todas da organização do III Seminário FAEB e IV EnreFAEB Sudeste. Cumprimento também os colegas da mesa e demais participantes.

Peço licença pra iniciar estas breves reflexões nomeando algumas experiências que pude compartilhar no PROFARTES da Escola de Belas Artes da UFMG. Refiro-me à Laura, hoje Doutora e Professora da UEMG, e a Investigação e exposição das *Máscaras Sociais*. Eloisa, hoje doutoranda na EBA, e a investigação sobre as *Paneleiras de Goiabeiras* no Espírito Santo. Ao Wester e a pesquisa sobre *Dramaturgia e Ensino*, a Hednamar e a investigação sobre *Stop-motion e Educação*, a Ivana sobre o *Ensino de Arte num Contexto de Pandemia*. Falar sobre as pesquisas em si... ninguém melhor que as próprias pesquisadoras. Sobre a experiência de orientação de professores e professoras é que eu gostaria de propor algumas indagações. Todas em torno do que chamarei de uma espécie de “combinação, encontro, contrato social”.

O que a sociedade espera, hoje, como processo e resultado do trabalho de um orientador num mestrado profissional e quais retornos orientadores e orientandos podem oferecer a estas mesmas sociedades? As provocações, a princípio, trazem duas características. A primeira trata-se de uma dúvida: se somos capazes, num processo de pesquisa, de elencar, realizar e determinar as questões mais pertinentes ao assunto, tema investigado. A segunda é a admissão da mudança constante de qualidade de toda e qualquer questão proposta na academia e por que não dizer na própria vida. Quanto a primeira o Morin afirma que o *Conhecimento*, quanto mais

se aprofunda, mais alarga a *ignorância* sobre si mesmo. Por um lado, é maravilhoso pensar que como a Arte, todas as perguntas já nascem impossíveis. Cheias de limites. Limites de tempo, de exigências, espaço, frases e palavras. Por outro lado, trazem consigo uma espécie paradoxal de infinitude: a marca constante de nossa própria incompletude. Um *Conhecimento*, oriundo de seres incompletos, embora finito, não se completa nunca! Michel Melot afirma em *Breve História da Imagem*: que uma imagem jamais é um objeto solitário, o que a torna tão fascinante, é a marca da incompletude. Orientador e orientandos: incompletos, limitados, em busca do infinito?

A segunda questão sobre a troca entre as sociedades que influenciam e mantém o conhecimento e o próprio conhecimento que pretende validar e *levar a sério* a si mesmo. Nós, seres humanos, suportamos mudanças constantes ou possuímos restrições para as adaptações? Eu tento me perguntar isso constantemente. Gazzaniga afirma que necessitamos constantemente de explicações para nos sentirmos seguros no mundo. Que assim podemos lidar com as incertezas. Que incertezas são desconfortáveis para a vida. No mesmo caminho o Damásio afirma que *Marcadores Somáticos*, construídos por experiência, são influenciadores de julgamentos, ações e decisões. Porém... os caminhos do *Conhecimento* e da *Arte* são marcados pela dúvida, pelo acaso, pela impossibilidade. Tentamos ir de encontro às experiências de sucesso é isso que se espera de nós e é isso que exigimos de nós mesmos. Mas será que basta envelhecer biologicamente para se atingir a *Certeza*? A *Incerteza* que acompanha o ato de conhecer, discutida por Morin, talvez nos mostre meios difíceis e, por vezes tortuosos, bem à margem da solidez. Admitir que realmente existem trocas, admitir a dificuldade de escutar (quanto mais velho mais se tem a dizer), talvez seja o caminho para uma resposta

que possa ir de encontro a algum sentido. Ou lidamos com a importância das questões (convenhamos, a maioria são muito mais semelhantes entre si que novas para o mundo) ou admitimos que responder é um ato passageiro. A característica que permanece é a do encontro: nossa vida finita pode se lembrar, tão eternamente quanto puder, da importância dos encontros que vivemos. E porque não dizer que orientar investigações é celebrar, constantemente, encontros?

E por falar em encontro... aproveito a oportunidade para enviar um enorme abraço à Professora Lucia Gouvea Pimentel. Ainda tento aprender com ela. A cada dia. A cada encontro.